

## CONSIDERAÇÕES ATUAIS SOBRE A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO AMBIENTE ESCOLAR

Beatriz de Azevedo Bandeira <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente estudo tem por objeto a análise da atividade do psicólogo no ambiente escolar, enquanto uma ramificação da atividade do profissional aplicada e especializada, avaliando as dimensões de sua atuação, o grau de contribuição possível para esta modalidade de atuação do psicólogo, suas limitações, realidades e possibilidades. Buscar-se-á, pois, a definição do papel do psicólogo no ambiente escolar em uma conceituação de não protagonismo, de inserção em uma equipe pedagógica multidisciplinar cujos bons resultados são esperados em uma educação de qualidade que atenda o público alvo da escola da melhor maneira possível, o aluno, proporcionando a este não apenas um ambiente de aprendizado, mas também de crescimento pessoal e seguridade. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica a qual se aplicou o método hipotético dedutivo preconizado por LAKATOS *et al* (2005) – em que os artigos, livros e demais documentos pesquisados são postos a prova em torno de hipóteses que permitem, mediante uma avaliação dedutiva na qual ocorre a discussão, que por sua vez apresenta em síntese resultados confiáveis. O estudo apresentou aspectos conclusivos, quanto à importância do psicólogo como um suporte pedagógico necessário na escola, nem sempre contado com as melhores condições de atuação, mas que, quando integrado no projeto pedagógico escolar, apresenta bons resultados em relação à função escolar de educar e formar seres humanos plenos e capazes.

**Palavras-chave:** Psicologia; Escola; Psicólogo; Educação.

### INTRODUÇÃO

Remotamente, a psicologia surge em um contexto histórico ligado à filosofia e à pedagogia, no ocidente, na Grécia Antiga. A chamada psiquê era associada ao que compreenderíamos hoje como alma, espírito, consciência. Desde sempre se encontra associada a diversos aspectos e campos do conhecimento, como política, publicidade, tratamento de insanidade mental, comportamento e educação.

O estudo da psicologia enveredou, pois, ao longo da história, por diversas searas, desde experimentos rudimentares neurocirúrgicos como forma de tratamento de patologias psíquicas, tratamento medicamentoso, estudo de comportamento de massas, formatação de métodos educacionais, dentre outros. Por volta do fim do século XIX e começo do século XX, a forma clássica da psicologia que ficou iconograficamente marcada não só no imaginário das populações, mas também dos profissionais psicólogos, do tratamento clínico analítico que se

---

<sup>1</sup> Graduado como especialisata em Neuropsicologia na Universidade Candido Mendes, [beatriz-azevedo@hotmail.com](mailto:beatriz-azevedo@hotmail.com);

consolidou como um modelo terapêutico burguês, um refinamento terapêutico disponível as classes médias e altas. (ANTUNES, 2008)

No Brasil, no entanto, o país que acompanhou de perto o desenvolvimento da psicologia no mundo, já no começo dos anos 1930, a psicologia enquanto ciência se consolida, ao tempo em que se ramifica em diversas esferas de atuação, tanto acadêmico-teóricas, quanto em áreas práticas específicas, dentre as quais, o campo educacional.

É importante, em linhas introdutórias, no presente estudo, destacar o artigo de ANTUNES (2008), que além de historiar a atuação da psicologia na área educacional no Brasil, destaca a diferença da psicologia educacional, teórica, formatadora de incrementos e políticas públicas voltadas para a educação, e a psicologia escolar, campo de atuação direta do psicólogo, mediador de conflitos em um universo multidisciplinar que se norteia precariamente por sucessivos planos pedagógicos, de regra entabulados sem a participação plena da sociedade e atendendo interesses corporativos.

Tal referência se deve ao fato dos rumos tomados pela psicologia escolar na atualidade, que retira a aura do psicanalista clínico e o coloca como um profissional atuante em um universo múltiplo e dinâmico que é a escola.

O seguinte trecho demonstra bem nas palavras da autora supramencionada o processo de transformação da psicologia escolar nas últimas décadas, no Brasil, e os rumos que a mesma está tomando, abordados no presente estudo:

“Em outras palavras, afirmamos uma psicologia escolar comprometida radicalmente com a educação das classes populares, que supere o modelo clínico-terapêutico disfarçado e dissimulado ainda presente na representação que o psicólogo tem de sua própria ação, entendendo que a representação e, conseqüentemente, as expectativas que os demais profissionais da educação têm da psicologia só serão superadas pela própria prática do psicólogo escolar. O psicólogo não é pedagogo, mas se quiser trabalhar com educação terá que mergulhar nessa realidade como alguém que faz parte dela, reconhecendo-se como portador de um conhecimento que pode e deve ser socializado com os demais educadores, tanto no trabalho interdisciplinar, como na formação de educadores, sobretudo professores; que detém um saber que pode contribuir com os processos sócio institucionais da escola; tem um conhecimento específico que pode e deve reconhecer o que é próprio de sua formação profissional, e, ousado afirmar, algumas vezes inclusive de caráter clínico-terapêutico, voltado para casos individuais; possui ou pode desenvolver conhecimentos importantes para a gestão de sistemas e redes de ensino, sobretudo no âmbito de diagnósticos educacionais (avaliação institucional, docente, discente etc.) e na intervenção sobre tais resultados.”(ANTUNES, 2008, p. 35).

Assim, a autora esclarece que o psicólogo pode contribuir significativamente na educação, uma vez que a psicologia escolar no panorama de discussão da modernidade se volta para a democratização, para a difusão e universalidade de um benefício que busca atingir a toda a sociedade, implementando-se na escola pública onde atinge as populações mais carentes.

Outro aspecto desta transformação é também da lavra de ANTUNES (2008), destacado no trabalho de SANTOS *et al* (2016):

Discorre Antunes (2008), que a própria história da Psicologia Escolar no Brasil, que por muito tempo concentrava o trabalho na aplicação de testes psicológicos, com a finalidade de medir capacidades e habilidades, e na identificação de uma possível psicopatologia, foi alterada. (SANTOS *et al*, 2016 – p. 03).

Não só o perfil do psicólogo que atua na escola se modificou, mas também o modo de atuação deste profissional, que como visto no trecho acima, era um aplicador de testes de quociente de inteligência, testes vocacionais, um perito a quem se recorria em alguns casos para justificar a exclusão de um aluno especial da convivência comum na escola, indicando-o para uma instituição especializada em educação de crianças e jovens com déficit cognitivo.

Estas são algumas das considerações abordadas no presente trabalho e que serão desenvolvidas a seguir, com o intuito de buscar a definição do conceito de importância novo e diferente do psicólogo escolar na atualidade, com base nas fundamentações oferecidas especialmente por Dias (2014), Tarouco (2014), Patto (1997) e Frascini (2016).

## **DESENVOLVIMENTO**

Não faz parte do presente trabalho, uma teoria geral epistemológica da psicologia. De passagem, em linhas introdutórias, comenta-se aqui de forma breve e superficial o desenvolvimento da psicologia como um todo, desde a Antiguidade, onde era parte de diversas disciplinas ligadas à filosofia e à pedagogia principalmente.

No Brasil, especificamente, a psicologia escolar acompanhou uma série de transformações sociais que vêm acontecendo no plano teórico e permeando a prática cotidiana através do experimento e da mudança de paradigmas educacionais.

Por exemplo, a lei 13.146/2015, conhecida como Lei da Inclusão, suscitou muitos debates na sociedade, que tinha um modelo escolar para alunos portadores de necessidades especiais em instituições beneméritas privadas como as Associações de Pais e Amigos de Excepcionais (APAES) – que passaram a ser recepcionados na escola pública, que ainda por

força da lei mencionada, teve de se adaptar para acolher de forma adequada estes alunos. Esta mudança veio reforçar o papel do psicólogo escolar abrindo outra linha de frente para sua atuação na escola.

SANTOS *et al* (2016), em comentário, resume em poucas linhas alguns dos aspectos da atuação do psicólogo escolar:

(...) o psicólogo escolar, na sua área de atuação, trabalha tanto os aspectos emocionais, como os de ordem cognitiva, que se encontram relacionados ao desenvolvimento afetivo e à aprendizagem. Também orienta professor e família sendo que, nesta última trabalha os problemas afetivos relacionados à aprendizagem” (SANTOS *et al*, 2016 – p.07).

Percebe-se, então, a diversificação da atuação do psicólogo no ambiente escolar, que não se resume a um indivíduo, no caso o aluno, passando para uma instituição maior, a família.

Ainda sobre a atuação do profissional, em DIAS *et al* (2014), é mencionada a problemática em torno da atuação do psicólogo escolar, devido a má formação e a insistência na persistência da figura do psicoterapeuta clínico. Os autores afirmam que essa atitude retrógrada leva à incompreensão do trabalho do psicólogo escolar pela comunidade – pois o profissional tende a individualizar cada caso e tratar o mesmo sob uma ótica clínica de diagnóstico psicopatológico.

Os autores propõem uma visão coletiva do universo escolar para o profissional que atua na escola, e inclusive mencionam trechos de recomendações por parte do Conselho Federal de Psicologia, que no que tange à psicologia escolar, já apontam em várias questões este sentido conforme abaixo:

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2007, p.18), o psicólogo, nessa tarefa, considera as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. No âmbito administrativo, contribui na análise e intervenção no clima educacional, buscando melhor funcionamento do sistema que resultará na realização dos objetivos educacionais. (DIAS *et al*, 2014 – p. 107).

Em outras palavras, o papel do psicólogo escolar não é o de um clínico, embora possa cumprir a tarefa de aconselhamento individual em casos pontuais, função muitas vezes realizada por um orientador pedagógico nas escolas, mas a de um elemento tático e estrategista tanto na construção do projeto pedagógico quanto na consecução deste. Os autores concluem o que se pode identificar, no momento, como sendo um nó epistemológico em torno da atividade, uma discussão necessária na formatação de um novo modo de agir integrada e multidisciplinarmente, algo que está sendo construído paralelamente aos acontecimentos, ao processo de mudança.

É interessante que trinta anos antes, em 1984, ANDALÓ (1984) faz praticamente a mesma crítica em artigo denominado “Psicologia: Ciência ou Profissão”, que trata da questão do psicólogo escolar, visto como um profissional que atua em um campo de menor importância dentro da psicologia.

ANDALÓ (1984) divide seu artigo em dois tópicos, sendo o primeiro uma crítica contundente ao psicólogo escolar clínico, e o segundo, também uma visão do dever ser deste profissional, um agente de mudanças dentro do universo escolar. O autor enumera de forma exaustiva diversos elementos tanto negativos do psicólogo escolar clínico, quanto positivos, do psicólogo escolar integrado à comunidade escolar como um elemento proativo, agente de mudanças. A questão é a atualidade das ideias, e infelizmente, também da problemática.

TAROUCO *et al* (2014), sobre a visão que outros profissionais têm do psicólogo, seguem diversas linhas de pensamento preconizadas entre outros autores, mas é interessante frisar que neste trabalho em particular foram feitas e analisadas algumas entrevistas com professores quanto ao papel do psicólogo na escola. Sendo um trabalho relativamente recente, é interessante constatar que professores veem o psicólogo escolar como um salvador da pátria clínico.

Quando muito, pelo que se deduz das conclusões e das entrevistas, cujos trechos foram reproduzidos, o psicólogo escolar é visto como um mediador entre corpos discente e docente, família, administração.

Não se pode tomar uma pesquisa restrita em baixa escala como medida, mas se trata de um elemento de prova de que existem bolsões de falta de informação, de atualização, em que as ideias novas, as discussões atuais não penetram por falta de formação continuada, de atualizações básicas em termos por exemplo do significado e da necessidade da escola possuir um projeto pedagógico que funcione e perpassa a realidade escolar.

Em um contexto escolar que preconize um projeto pedagógico que exista tanto em termos de planejamento quanto de efetividade, a ideia do psicólogo escolar pode e deve estar

presente, de forma atualizada, condizente com o pensamento de que este profissional transcende sua formação clínica, e integra uma equipe pedagógica que busca dirimir a problemática resultante da soma das multiplicidades presentes na escola de uma maneira lúdica, com intervenções que busquem atingir toda a coletividade.

Em linhas introdutórias, a coletânea organizada por PATTO (1997), em que a autora subscreve por sua vez dois artigos, começa com o seguinte enunciado:

A definição segundo a qual o objetivo básico do psicólogo escolar é "ajudar a aumentar a qualidade e a eficiência do processo educacional através da aplicação dos conhecimentos psicológicos" é generalizada e baseia-se num termo ambíguo, sem a preocupação de explicitá-lo: o conceito de eficiência do ensino. Diante dele, é preciso perguntar: o que é um sistema de ensino eficiente? De que eficiência se está falando? Para realizar que objetivos? Em benefício de quem? Como estes objetivos se configuram nas intenções das leis? Como se concretizam na realidade dos processos e produtos escolares? Apagar estas questões fundamentais é admitir a versão oficial segundo a qual a escola é uma instituição neutra que visa a realizar um projeto de socialização dos imaturos e prepará-los para a vida em sociedade, concebida, em seus aspectos estruturais e funcionais, como algo natural, dado que abrange instituições empenhadas em beneficiar a todos e a cada um de seus membros, independentemente da origem social, da cor, do credo e do sexo. (PATTO, 1997-p.11)

Trata-se de um resumo da problemática bastante incisivo. Os problemas da escola hoje, como um todo, são também em parte os problemas do direcionamento da atuação do psicólogo escolar. Entre os profissionais em educação que têm acesso à informação, ou que são incentivados a buscar a informação atualizada, já que a internet é uma ferramenta facilitadora de pesquisa em nossos dias, não se imagina que existam na maior parte das escolas no Brasil, a indigência intelectual da desinformação.

Para as unidades escolares que já possuem um profissional em psicologia escolar integrado no projeto pedagógico da escola, em que esse projeto pedagógico é uma realidade, não se anteveem os casos renitentes de unidades escolares que funcionam pró-forma, são apenas um aparato burocrático estatal que processa o tanto necessário de indivíduos para que possam se encaixar num modelo social pré-concebido em torno da exploração e exclusão.

A antologia de PATTO (1997), que serve ainda de referencial para muitos profissionais e acadêmicos, produzida no âmbito da psicologia educacional teórica, é interessante ainda sob o ponto de vista da análise cronológica do desenvolvimento da psicologia escolar, e mesmo revista e ampliada, apresenta dados estatísticos dos anos 1940/60

– mas já aponta a questão que permeia toda a sociedade na atualidade, que é discutida no universo acadêmico mas não é levada em consideração pelos gestores públicos nem pela mídia, da democracia deliberativa e participativa.

Os projetos pedagógicos escolares que vêm se destacando, que contam com o apoio de psicólogos escolares em equipes pedagógicas multidisciplinares, são justamente aqueles em que tem se dado abertura as comunidades escolares no sentido de autonomia na gestão escolar.

É essa questão que PATTO (1997) já antevê, ao criticar um Estado que preconiza um modelo escolar pronto, supostamente benéfico sob todos os aspectos, sem consulta, participação e flexibilização, sem autonomia nas unidades escolares.

Ainda sobre a amplitude do campo de atuação da psicologia, FRANSCHINI *et al* (2016) elucida de certa forma essa questão:

O fato é que nos últimos anos a Psicologia passou a ser uma das profissões mais escolhidas nos processos seletivos para os cursos superiores. O número de instituições de ensino com oferta de cursos de Psicologia igualmente se ampliou. Mas a formação voltada para a área da Psicologia Escolar e Educacional não ocupa, infelizmente, lugar de destaque entre os diversos conteúdos que são previstos nas grades curriculares. Muitos destes cursos assumem a opção de ênfase nos processos educativos sem, contudo, conduzir a formação e a prática voltadas para esta área, e o argumento que surge na maioria das vezes se relaciona à escassez do campo de trabalho na educação. A Psicologia tem como marca a ampliação da sua atuação na esfera pública, contribuindo assim para a expansão da Psicologia na sociedade e ampliando o debate sobre Direitos Humanos, saúde, assistência social, jurídica, trânsito, etc, entretanto ainda não se consolidou a política pública que conta com psicólogos e psicólogas nas equipes multidisciplinares na educação básica, tanto para as escolas da rede pública, como para as escolas da rede privada (FRANSCHINI *et al*, 2016 – p. 03).

Percebe-se que não é comum a atuação de um psicólogo escolar, assim como a formação desse profissional é deficitária no meio acadêmico, além de, quando há, priorizar-se o psicólogo educacional, que teoriza e não atua em sala de aula ou na escola, e o profissional escolar, quando existe, via de regra ainda se apega a abordagem clínica de atuação, em total descompasso com todos os modelos de sucesso em termos de projetos pedagógicos.

GUZZO *in* FRANSCHINI *et al* (2016) ao historiar a mudança de um pensar e agir diferente da psicologia escolar, entre fins dos anos 1990 e começo dos anos 2000 coloca a situação sob este prisma social:

Ao lado de todos estes trabalhos desenvolvidos, a principal questão sempre se colocava diante da realidade – uma mudança social que represente um salto ontológico nas condições de vida de pessoas e suas comunidades não se dá ao nível de uma intervenção psicológica, por melhor que ela seja. E, de tentativas em tentativas para superação das condições existentes, pairava sempre a ilusão da impossibilidade de uma construção histórica diferente para aquelas pessoas e comunidades. (GUZZO *in* FRANSCHINI *et al* - 2016, p. 13).

Prossegue, de forma um tanto politizada, mas que foi a tônica dos movimentos sociais que geraram um novo modo de ver a ação social por parte de seus agentes protagonistas no período relatado:

“Um dos fundamentos desse estudo consiste na ideia de que o psicólogo, como profissional social, deve estar sensível e preparado para uma ação comunitária e coletiva junto às classes oprimidas, considerando em sua análise elementos da personalidade como uma construção ideológica e relacionando o desenvolvimento pessoal e amadurecimento psicológico com as motivações sociais (FREITAS, 1998; LANE & CODO, 1984). Além disso, incorporam-se os conceitos de psicologia da libertação e o de trauma psicossocial desenvolvidos por Márтин-Baró (1990) e Pacheco e Jimenez (1990). O trauma psicossocial, segundo estes autores, pode ser identificado pelas dificuldades nas relações sociais conseqüentes à situações específicas como a guerra por exemplo, pela violência e desumanidade.” (GUZZO *in* FRANSCHINI *et al* - 2016, p 20).

Por sua vez, SOUZA&YANNOULAS *in* FRANSCHINI *et al* (2016, p. 74-81) tratam da formação de equipes multidisciplinares no ambiente escolar, contando com a figura do psicólogo escolar, debatendo, no entanto, o fato de que a lei que tramita atualmente no Congresso Nacional, desde o começo dos anos 2000, tem algumas discrepâncias, como a sujeição de elementos de equipes multidisciplinares nas escolas estarem vinculados ao setor da saúde, apenas.

Uma publicação do Conselho Federal de Psicologia (1992) elenca por sua vez a figura do que a época era nominado como psicólogo educacional, e estabelece parâmetros de suas atribuições que se encontram por sua vez, em consonância com a tendência mais recente de ação integrada, multidisciplinar, voltada para intervenções e acompanhamentos globalizantes



dentro do universo escolar em que o psicólogo escolar está em consonância com um projeto pedagógico na escola.

OLIVEIRA *et al* (2009) em artigo sobre a psicologia na educação se pronuncia em trecho conclusivo conforme segue:

[...] a Psicologia Escolar tem buscado solidificar uma atuação de caráter preventivo e relacional que se sustenta muito mais em parâmetros de sucesso do que de fracasso. Conforme pontuam Neves e Almeida (2003), o fracasso escolar no Brasil configura-se como um grave problema social que demanda contribuições das diversas áreas do conhecimento, sendo que do ponto de vista da Psicologia essa contribuição torna-se relevante quando se ultrapassam as práticas conservadoras que tratam o fracasso do aluno como um problema individual ou do seu meio familiar. Nesse sentido, a Psicologia Escolar tem buscado consolidar uma atuação que se baseia em crescimento e sucessos dos atores escolares em contraponto à ênfase em problemas e dificuldades. Nessa nova perspectiva de atuação, tenta-se criar espaços de interlocução com todos os atores escolares, incluindo e acolhendo os diferentes segmentos que participam e constroem o cotidiano escolar. Esses espaços têm como foco tanto os aspectos objetivos dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, como a conscientização dos aspectos subjetivos que os permeiam. (OLIVEIRA, 2009 p. 74).

O trecho acima colacionado, termina por ser resumitivo das dificuldades encontradas em face de uma prática ultrapassada, porém renitente da atuação do psicólogo escolar, e dos novos rumos, que como enunciado, enfocam na prevenção através de intervenções calcadas nos modelos de sucesso, e não mais em um individualismo terapêutico do fracasso.

## CONCLUSÃO

Observa-se primeiramente, como resultado desta pesquisa bibliográfica, que tanto a problemática quanto as transformações positivas na atuação do psicólogo escolar são fruto de um processo histórico que interage com fenômenos sociais e educacionais, todos oriundos da dinâmica humana que extrapola o universo da psicologia.

O misto de fascismo positivista do Estado Novo nos anos 1930 traz as diversas vermes de atuação prática da psicologia à tona, retirando-as dos consultórios freudianos e do

exclusivismo pequeno burguês para a inserção social – contudo, a partir de uma orientação clínica dedicada ao tratamento patológico das deficiências humanas.

Infelizmente, esta visão ainda perdura, mas a partir do final da década de 1980, começa a sofrer uma pressão no sentido de mudanças, cuja origem são os movimentos sociais brasileiros, que apresentam soluções que vão para além de nuances meramente ideológicas – e se fundam em uma democracia participativa.

Essa transformação que atinge principalmente os setores da educação e da saúde no Brasil inserem o profissional psicólogo que busca dedicar-se à psicologia escolar entremeadado em um contexto de equipes pedagógicas multidisciplinares, trabalhando intervenções preventivas que busquem abarcar toda a multiplicidade de ideias, personalidades, condições sociais que são imanentes da vida e da comunidade escolar.

Essa nova proposta profissional em que o psicólogo escolar deixa de ser o curandeiro salvador da pátria, abandona o seu nicho de protagonismo corporativo e se integra, tendo de adquirir novo saberes, em um sentido que não supera, mas suplementa os seus próprios saberes naturais.

Eventualmente, o psicólogo escolar fará o papel de analista, de aconselhamento, e até mesmo de avaliação, de preceituação de alguma medida necessária em casos pontuais, individualmente.

Mas como já colocado no corpo do presente trabalho, sua função passa a ser a de um tático e estrategista da gestão pedagógica escolar, no sentido preventivo, na formatação do ambiente adequado de uma forma abrangente e coletiva que propicie o sucesso do aprendizado e oportunidades de crescimento pessoal das crianças e jovens, razão de a escola existir.

## REFERÊNCIAS

ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. Psicologia: Ciência e Profissão - Psicol. Cienc. prof. vol.4 no.1 Brasília 1984. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931984000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100009)>, acesso em 17/10/2018.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia escolar e educacional. Psicol. Esc. Educ. (Impr.) vol.12 no.2 Campinas Dec. 2008. Disponível em < >. Acesso em 16/10/2018.

Atribuições profissionais dos psicólogos no Brasil. CFP, 1992 – disponível em <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf)>, acesso em 17/10/2018.

DIAS, Ana Cristina Garcia *et al* - Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões - Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 1, janeiro/abril de 2014; Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a11.pdf>>, acesso em 17/10/2018.

FRANSCHINI, Rosângela *et al*. Psicologia Escolar: que fazer é esse? – CFP, Brasília, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia Científica, 5ª Edição, São Paulo: Atlas 2005.

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em 16/10/2018

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista *et al*. Estudo e pesquisas em psicologia - Estud. pesqui. psicol. v.9 n.3 Rio de Janeiro dez. 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812009000300007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007)>, acesso em 17/10/2018.

PATTO, Maria Helena Souza. Introdução a psicologia escolar. Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 3ª ed – São Paulo, 1997

SANTOS, Jeovane Vieira dos *et al*. PSICOLOGIA EDUCACIONAL: IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NA ESCOLA – Psicologia.pt, 2016. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>. Acesso em 16/10/2018.

TAROUCO, Sabrina Joane Voss Bortoncello *et al*. A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR - Unoesc & Ciência - ACBS, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 7-14, jan./jun. 2014. Disponível em <[https://editora.unoesc.edu.br/index.php/acbs/article/viewFile/3700/pdf\\_21](https://editora.unoesc.edu.br/index.php/acbs/article/viewFile/3700/pdf_21)>, Acesso em 17/10/2018.